

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

TEMA: O papel do professor na história local na Educação do Campo

Palmeira

2014

Grasiele kapp Ewert

O papel do professor na história local na Educação do Campo

Artigo apresentado como requisito parcial
para obtenção da certificação do curso de
Especialização em Educação do Campo, da
Universidade Federal do Paraná.

Orientador: André Essenfelder Borges

Palmeira

2014

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 3 |
| OBJETIVOS | 5 |
| MÉTODOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA..... | 5 |
| IMPORTÂNCIA DA PESQUISA | 9 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 10 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 12 |
| ANEXOS | 14 |

O papel do professor na história local na Educação do Campo

Grasiele Kapp Ewert¹
André Essenfelder Borges²

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar a importância da história local para os educandos e também para a comunidade, dentro do ambiente escolar e reconhecer que todos os povos produzem cultura e que cada um tem uma forma diferente de se expressar e aceitar a diversidade cultural. Com base em entrevistas realizadas, imagens relacionadas à formação da colônia de Witmarsum situada a trinta quilômetros da cidade de Palmeira, e pesquisa bibliográfica, buscou-se entender como ocorreu a adaptação desses imigrantes para esta região. Essas famílias - portadoras de valores, de culturas, de um estilo de vida - adaptaram-se a um novo ambiente no qual foram construindo um espaço social e econômico que foi responsável pela formação e pelo desenvolvimento da colônia de Witmarsum.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura; Educação do Campo; História Local.

INTRODUÇÃO

Este artigo teve como objetivo a apresentar a importância da história local para os educandos do Colégio Estadual do Campo Fritz Kliewer e também para a comunidade de Witmarsum dentro do ambiente escolar e reconhecer que todos os povos produzem cultura e que cada um tem uma forma diferente de se expressar e aceitar a diversidade cultural. Para Samuel:

A História Local requer um tipo de conhecimento diferente daquele focalizado no alto nível de desenvolvimento nacional e dá ao pesquisador uma ideia mais imediata do passado. Ela é encontrada dobrando a esquina e descendo a rua. Ele pode ouvir os seus ecos no mercado, ler o seu grafite nas paredes, seguir suas pegadas nos campos³. (1990, p. 220)

Este conceito nos permite ter uma visão mais ampla do processo histórico, reconhecendo que não existe cultura mais importante do que outras. O Brasil é um país pluricultural e deve esta característica ao conjunto de etnias que o formaram e a

¹ Formada em Licenciatura em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2012. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na disciplina de OTCC. Email: grasikapp@yahoo.com.br;

² Orientador: Prof. André Essenfelder Borges. Mestre em Antropologia Social.

³ SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. In: Revista Brasileira de História, p. 219-242. V. 9, n.º 19, set. 1989 / fev. 1990.

extensão do seu território. Pela explicação da professora Maria Lourdes Horta (2003, p.4) “Todas as ações por meio das quais os povos expressam seu modo específico de ser constituem a sua cultura, que vai ao longo do tempo adquirindo formas e expressões diferentes”⁴.

Sobre o conceito de cultura Biesek (2004) aborda:

A cultura é um processo eminentemente dinâmico, transmitido de geração em geração, que se aprende com os ancestrais e se cria e recria no cotidiano do presente, na solução dos pequenos e grandes problemas que cada sociedade ou indivíduo enfrentam. Neste processo dinâmico de socialização, em que se aprende a fazer parte de um grupo social, o indivíduo constrói a própria identidade.⁵ (p. 12)

Comenta a existência de outras formas de expressão cultural que constituem o patrimônio vivo da sociedade brasileira, como exemplos, artesanatos, maneiras de pescar e caçar, utilização de plantas para remédio e alimento, vestuário, festas religiosas e populares, as formas de relações sociais e familiares, canções, histórias e lendas contadas de geração a geração. Tudo isto revela os múltiplos aspectos que podem assumir a cultura viva e presente em uma comunidade.

A cultura hegemônica trata os valores, as crenças, os saberes do campo de maneira romântica ou de maneira depreciativa, como valores ultrapassados, como saberes tradicionais, pré-científicos, pré-modernos. Daí que o modelo de educação básica queira impor para o campo currículos da escola urbana, saberes e valores urbanos, como se o campo e sua cultura pertencessem a um passado a ser esquecido e superado. Como se os valores, a cultura, o modo de vida, o homem e mulher do campo fossem uma espécie em extinção. Uma experiência humana sem mais sentido, a ser superada pela experiência urbano-industrial moderna. Daí que as políticas educacionais, os currículos são pensados para a cidade, para a produção industrial urbana, e apenas se lembram do campo quando se lembram de situações “anormais”, das minorias, e recomendam adaptar as propostas, a escola, os currículos, os calendários a essas “anormalidades”. Não reconhecem a especificidade do campo [...] (Arroyo, 2004, p. 79-80).

⁴ HORTA, M. de L. P. **O que é Educação Patrimonial**. Disponível em:

<<http://www.tvebrasil.com.br/boletins2003/ep/pgm1.htm>>. Acesso 20 mar. 2014.

⁵ BIESEK, Ana S; **A cultura é um processo eminentemente dinâmico, transmitido de geração em geração, que se aprende com os ancestrais e se cria e recria no cotidiano do presente, na solução dos pequenos e grandes problemas que cada sociedade ou indivíduo enfrentam**. Universidade de Caxias do Sul. 2004. Disponível em: <http://tede.uces.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=90>. Acesso 26 mar. 2014.

⁶ SILVA, Astrogildo F. J.; BORGES Mário N. **POR UMA EDUCAÇÃO DO CAMPO: percursos históricos e possibilidades**. Professor no Curso de História na Universidade Federal de Uberlândia, Faculdade de Ciências Integradas do Pontal – FACIP. Doutorando no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Uberlândia Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Bolsista Capes. Entrelaçando --- - Revista Eletrônica de Culturas e Educação Caderno temático: Cultura e Educação do Campo N. 3 p. 45-60, Ano 2 (Nov/2011). ISSN 2179.8443. Disponível em <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:Pb6_6_HtHyEJ:www.ufrb.edu.br/revistaentrelacando/downloads/educacao-no-03-ano-ii/125-por-uma-educacao-do-campo-percursos-historicos-e-possibilidades--astrogildo-f-da-silva-jnior-e-mrio-borg/download+&cd=3&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso 25 mar. 2014.

OBJETIVOS

Esta pesquisa é uma espécie de resgate da memória histórica realizada através do estudo e da pesquisa, por dezoito alunos do nono ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual do Campo Fritz Kliewer. Foi um projeto elaborado com o intuito de desenvolver nos alunos a curiosidade em saber as origens e contribuições de suas famílias. Desta forma foram divididas quatro equipes e cada uma ficou encarregada de levantar a pesquisa de acordo com suas raízes. Os alunos coletaram materiais como objetos antigos, documentos, fotografias, realizaram entrevistas com membros da localidade, fazendo uma espécie de ponte entre a escola e a comunidade no que diz respeito ao âmbito cultural e educacional, proporcionando aprendizados referentes às primeiras culturas, o modo de se vestir, a primeira escola, os professores, religião, as dificuldades enfrentadas e o otimismo de vencer.

MÉTODOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Para a realização do projeto os estudantes utilizaram depoimentos orais concedidos por pessoas da comunidade que vivenciaram ou ouviram de seus antepassados a história da formação da comunidade. OLIVEIRA afirma:

A história oral recupera aspectos individuais de cada sujeito, mas ao mesmo tempo ativa uma memória coletiva, pois, à medida que cada indivíduo conta a sua história, esta se mostra envolta em um contexto sócio-histórico que deve ser considerado. Portanto, apesar de a escolha do método se justificar pelo enfoque no sujeito, a análise dos relatos leva em consideração, como já foi abordado anteriormente, as questões sociais neles presentes⁷. (2005, p. 94).

A utilização da História oral é de fundamental importância, pois enriquece e ocupa um campo multidisciplinar.

Diferentes linhas de trabalho podem dialogar. Além de diversas modalidades de relatos, pode ser utilizada com finalidades distintas, como formação de banco de dados; na pesquisa histórica em que se procura reconstruir fatos ou acontecimentos passados; como método de pesquisa

⁷ OLIVEIRA, Valeska Fortes. Educação, memória e histórias de vida: usos da história oral. História oral, Recife, v. 8, n. 1, p. 92-106. jan./jun. 2005.

na investigação de questões que requerem abordagem histórico-sociológica⁸. (SANTOS 2001).

Além disso, desenvolve nos alunos um preparo para a discussão, sendo executado um trabalho fora da sala de aula enriquecendo não só o vocabulário através das entrevistas, mas também o contato com outras pessoas.

A nosso ver, a História Oral possibilita narrar o passado a partir do olhar do presente, incorporando experiências do narrador, do seu próprio agir cotidiano. Esta perspectiva gera uma ruptura com a concepção de que os acontecimentos narrados têm um único significado, alijando da própria história o operar cotidiano⁹.

Foram elaboradas questões relacionadas ao início da formação da comunidade de Witmarsum, para serem respondidas por pessoas mais antigas como: a chegada das primeiras famílias, quantas eram, por que escolheram aquele lugar, quais as etnias das pessoas, do que viviam se receberam ajuda de alguém ou de alguma instituição, qual a origem do nome da localidade (neste caso a maioria das comunidades tem toda uma história por detrás do nome que leva), as dificuldades enfrentadas, os sonhos. Depois foram realizadas questões para moradores mais recentes como: quantidade de famílias que moram ali hoje, quais as atividades que desenvolvem o que pensam para o futuro dos filhos, (esta é uma questão bem interessante, pois em contato com alguns alunos a maioria pensa em sair do campo e morar na cidade, pois julgam que as condições de vida e as oportunidades são melhores), com estes dois questionários foi possível fazer uma análise da comunidade desde a formação até os dias atuais, acompanhando o desenvolvimento da mesma.

Através das entrevistas foi possível coletar dados de moradores que são uma peça fundamental dentro da pesquisa são os chamados guardiões da memória, segundo GOMES:

O guardião ou o mediador, como também é chamado, tem como função primordial ser um “narrador privilegiado” da história do grupo a que pertence e sobre o qual está autorizado a falar. Ele guarda / possui as “marcas” do passado sobre o qual se remete, tanto porque se torna um ponto de convergência de histórias vividas por muitos outros do grupo (vivos e mortos), quanto porque é o “coleccionador” dos objetos materiais que encerram aquela memória. Os “objetos de memória” são eminentemente

⁸ SANTOS, Sônia Maria dos. Histórias de alfabetizadoras brasileiras — entre saberes e práticas. 2001. 335f. Tese (Doutorado em Educação), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

⁹ SANTOS, Sônia Maria dos. ARAÚJO, Osmar R. **História oral: vozes, narrativas e textos**. Universidade Federal de Uberlândia. Contatos: soniam@ufu.br. Universidade Federal de Uberlândia. Disponível em < <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/282/289>> Acesso 28 mar. 2014.

bens simbólicos que contêm a trajetória e a afetividade do grupo. Sejam documentos, fotos, filmes, móveis, pertences pessoais, etc., tudo tem em comum o fato de dar sentido pleno, de “fazer viver” em termos profundos o próprio grupo¹⁰. (1996, p. 7)

As fotografias utilizadas além de recordação são provas, uma espécie de documentos que mostram o que as pessoas viveram, através delas temos a possibilidade de voltar no tempo, pois registra fatos importantes, como a maneira se vestir, as mudanças que ocorreram na comunidade, as brincadeiras das crianças, é possível também verificar através das imagens o comportamento das pessoas da época através da feição ali retratadas. Segundo SANTOS (p. 148) “A fotografia de grupos familiares, assim como de outros grupos, constitui-se em um meio imagético para disseminar discursos e ressaltar relações sociais que ali ficaram congeladas no instante retratado”¹¹.

Com relação à memória histórica, PESAVENTO (2006) aborda que:

[...] também se situa de forma análoga, pois constrói laços de pertencimento e amarramento dos indivíduos ao seu passado. A memória, no caso, patrimonializa as lembranças, levando os grupos à coesão social e a uma comunidade simbólica de sentido partilhada. Cria identidades, enfim, atividades de referência imaginária que situam os indivíduos no mundo. Construídas. Inventadas sem serem necessariamente falsas¹². (p. 6)

É notável que a maioria dos estudantes das escolas do campo não conhece as suas próprias origens, pois muito pouco se é trabalhado dentro do contexto escolar, até porque o tempo para vencer todos os conteúdos previstos em calendário já se torna complicado, aí muitas vezes a história local é deixada de lado. Neste artigo a intenção é de mostrar aos professores da Educação do Campo, a necessidade de se trabalhar em sala de aula a valorização da história local, já que os livros didáticos abordam temas de História Geral e História do Brasil “[...] uma história distante de seu tempo presente, de suas experiências de vida, de suas expectativas e desejos”¹³ (FERNANDES, 1995, p. 04), uma vez que nós

¹⁰ GOMES, Ângela de Castro. A guardiã da memória. **Acervo: Revista do Arquivo Nacional**, Rio de Janeiro, vol. 9, n. 1/2, jan/dez. 1996, p. 1-15.

¹¹ SANTOS, Francieli Lunelli. A mulher nas fotografias de grupos familiares na cidade de Ponta Grossa, 1910-1940. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, vol. 14, n. 1, Verão, 2009, p. 146-167.

¹² PESAVENTO, Sandra Jatahy. Palavras para crer. Imaginários de sentido que falam do passado. **Revista Nuevo Mundo, Mundos Nuevos**, Debates 2006. Dossiê História Cultural do Brasil. p. 6. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/1499>>. Acesso em: 27 ago. 2012.

¹³ FERNANDES, José Ricardo Oriá. Um Lugar na Escola para a História Local. Recife: ANPUH (texto mimeografado), 1995.

historiadores somos cobrados a formar cidadão críticos para transformar a sociedade. Segundo Fernandes

Hoje, todos nós sabemos que a finalidade básica do ensino de história na escola é fazer com que o aluno produza uma reflexão de natureza histórica, para que pratique um exercício de reflexão crítica que o encaminhe para outras reflexões, de natureza semelhante, na sua vida e não só na escola. Afinal de contas, a história produz um conhecimento que nenhuma outra ciência produz e nos parece fundamental para a vida do homem – indivíduo eminentemente histórico¹⁴. (1995, p. 3)

Existem escolas que procuram trabalhar sob a forma de projetos, para tanto faz-se necessário um planejamento no qual devem ser convocados os pais e toda a comunidade para assistirem as atividades realizadas pelos alunos, geralmente no contraturno, é uma maneira de aproximar a comunidade e a escola. Essa foi a maneira que desenvolvi o trabalho contando com a presença de dezoito estudantes que desenvolveram a atividade no contraturno e acima de tudo trouxeram os pais e a comunidade para dentro da escola para apreciar as exposições. Houve um grande entrosamento, pois os alunos buscaram materiais antigos relacionados à agricultura, vestimentas, trouxeram até um gramofone. A primeira equipe conseguiu a visita em uma casa que possui um pequeno museu. O proprietário, que é descendente de uma das famílias que contribuíram para a colonização de Witmarsum, e que vieram para o Paraná no ano de 1951, fez uma reconstrução de todo o desenvolvimento pelo qual a colônia passou, palestrou aos alunos sobre como era à vida no início e os utensílios utilizados na época e até fez uma comparação com os utilizados hoje todos computadorizados. A segunda equipe apresentou uma dança alemã, vestidos de acordo com a tradição alemã. A terceira equipe trouxe o filme “Permaneço em mim” documentário produzido no ano de 2001, sob a direção de Geraldo Braum, pesquisa de Egon Robert Enns e roteiro de Marco Antonio Camargo. Esse documentário aborda a trajetória dos imigrantes menonitas no estado de Santa Catarina, os quais fundaram uma cidade também chamada de Witmarsum. E a quarta equipe montou um jornal educacional sobre a história da imigração alemã.

Muitas comunidades tiveram e têm uma grande contribuição para o desenvolvimento da cidade, mas são deixadas de lado como se não tivessem importância, ficam no esquecimento. Muitas construções, raridades que fizeram parte da história e deveriam ser tombadas pelo Patrimônio Histórico para serem mantidas, acabam se perdendo, caindo, ou porque foram abandonadas, ou porque

¹⁴ FERNANDES, op cit.,p.3.

deram lugar a novas construções em estilos modernos. É preciso enfatizar que Patrimônio histórico e educação patrimonial escolar são dois fatores que caminham juntos, é uma maneira de despertar a aprendizagem através de uma compreensão do mundo que nos rodeia, bem como através do resgate histórico da sua própria comunidade, rica de heranças culturais, a valorização das coisas locais, que vem contrapor o mundo globalizado, fatos estes que muitas vezes se tornam esquecidos pelas pessoas. Com relação à ligação entre o homem e o meio em que vive, RIBEIRO aborda:

Para eles [Febvre, Bloch e Braudel], as sociedades estão diretamente associadas a um determinado espaço, grafando seus traços numa paisagem cujas formas correspondem e representam um dado período histórico, com todo este movimento podendo ser circunscrito a várias escalas (local, regional e nacional) e apreendido através da longa duração. Destarte, o espaço, a paisagem, a região e o território passam a constituir-se em objetos passíveis de serem pesquisados pelos historiadores, posto que seu conteúdo e sua construção são transformados e modificados pelo Homem 3/4 a "caça" do historiador, aquilo que justifica a intervenção da História dentre os demais campos do conhecimento (BLOCH, 2001:54). O meio deixa de ser uma fatalidade e o historiador passa a atentar tanto para a modificação dos traços à primeira vista imutáveis quanto para a ação humana exercida no meio. Na concepção dos Annales, a História é, também, geográfica, e aqueles que se dedicam à compreensão desta corrente historiográfica, independente de estarem filiados à mesma, são unânimes em afirmar este vínculo¹⁵. (2006, p. 93).

IMPORTÂNCIA DA PESQUISA

Segundo a cartilha do CREA-SP (2008, p.15)

Cada indivíduo é parte de um todo – da sociedade e do ambiente onde vive – e constrói, com os demais, a história dessa sociedade, legando às gerações futuras, por meio dos produtos criados e das intervenções no ambiente, registros capazes de propiciar a compreensão da história humana pelas gerações futuras. A destruição dos bens herdados das gerações passadas acarreta o rompimento da corrente do conhecimento, levando-nos a repetir incessantemente experiências já vividas¹⁶.

Através da coleta de todo este material foram desenvolvidos debates, onde cada aluno expôs as suas pesquisas em forma de exposições para toda a comunidade, buscando uma interação entre a escola e o campo. Pensando nisso lanni aborda:

¹⁵ RIBEIRO, Guilherme. Epistemologias Braudelianas: espaço, tempo e sociedade na construção da geo-história. GEOgraphia, Rio de Janeiro: UFF, vol. 08, n. 15, p. 87-114, 2006.

¹⁶ CREA-SP - Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia do Estado de São Paulo. **Patrimônio histórico: como e por que preservar** Grupo de Trabalho Patrimônio Histórico e Arquitetônico. 3ª edição, 2008.

Disponível em <http://www.creasp.org.br/arquivos/publicacoes/patrimonio_historico.pdf>. Acesso 18 out. 2013.

[...] esse campesinato que parece ser disperso, atomizado, que está vivendo as suas condições de vida e de trabalho, esse campesinato é um fermento da história, é um ingrediente das lutas sociais. As suas lutas, as suas reivindicações entram no movimento da história. Então, se coloca o problema de que o campesinato, além de serem pequenos produtores, sitiados, posseiros, colonos ou o que seja, além de lutarem pela terra, além de quererem a posse e uso da terra e uma certa apropriação do produto do trabalho, o campesinato representa um modo de vida, um modo de organizar a vida, uma cultura, uma visão da realidade, ele representa uma comunidade. E é o fato de que o campesinato constitui um modo de ser, uma comunidade, uma cultura, toda uma visão do trabalho, do produto do trabalho e da divisão do produto do trabalho, que faz dele uma força relevante. Isto é, que coloca o campesinato como uma categoria que mostra para a sociedade não simplesmente uma participação política, uma força, mas também um modo de ser. Aponta e reaponta continuamente uma outra forma de organizar a vida¹⁷. (1986, p. 162)

Dentro deste projeto foi possível proporcionar às famílias, melhores condições, onde os filhos freqüentam a escola, e aproximam-se do meio onde vivem através da cultura, vivenciando a realidade, valorizando e desenvolvendo ações que possibilitem as transformações do campo através de uma política agrária, onde a peça fundamental são as famílias que lá vivem, proporcionando a estabilidade e não o abandono.

Não se pode esquecer que a intenção da Educação do Campo é fazer com que o estudo no campo desperte um interesse maior entre os alunos e que eles não se sintam excluídos, pois bem sabemos que a maioria muitas vezes não termina os estudos em nível fundamental para ajudar os pais nas atividades em casa, na roça ou existem também aqueles que julgam a escola do campo inferior e se deslocam para a cidade abandonando suas raízes, muitas vezes incentivados pelos próprios pais, por estes acharem que o estudo nas escolas da cidade é melhor ou mais completo, há ainda aqueles que saem de casa para cursar faculdade e nunca mais retornam, e bem sabemos que a maioria dos educandos do campo opta por cursos direcionados ao campo. Depois de formados, poderiam atuar na sua própria casa, ou mesmo na comunidade, mas preferem ficar pela cidade.

A função primordial da escola é ensinar, transmitir valores e traços da história e da cultura de uma sociedade. A função da escola é permitir que o aluno tenha visões diferenciadas de mundo e de vida, de trabalho e de produção, de novas interpretações de realidade, sem, contudo, perder aquilo que lhe é próprio, aquilo que lhe é identificador¹⁸. (LEITE, 1999, p. 99)

¹⁷ IANNI, Otávio. A utopia camponesa. In: Ciências Sociais hoje. São Paulo: Cortez Editora-Anpocs, 1986.

¹⁸ LEITE, S. C. Escola rural: urbanização e políticas educacionais. São Paulo: Cortez, 1999.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto desenvolvido foi de grande importância e teve um resultado além das expectativas. Os alunos ficaram encantados com tantos relatos da história da colônia que até então eram desconhecidos, pessoas que eles nunca haviam conversado e depois passaram tanto conhecimento, outro fator foi o fato do trabalho extraclasse, segundo relato dos próprios alunos foi algo gostoso, diferente dos trabalhos escritos e entregues que muitas vezes são apenas cópias, eles vivenciaram experiências até então desconhecidas que ajudaram a ver a realidade do próprio lugar e até pensar diferente com relação as suas escolhas para o futuro.

Elaborar este projeto exigiu mais dos alunos, pois eles assumem uma responsabilidade e autonomia diante do que irão pesquisar assim eles se sentiram importantes, valorizados e não mais isolados e esquecidos. Foi uma maneira de aproximar e contar com o apoio da comunidade em geral visto que muitos pais questionam que a escola se isola, e ao invés de cativar os filhos demonstrando que permanecer ali pode ser promissor, parece que incentivam os filhos a irem para as cidades, pois muitos professores acabam falando das vantagens encontradas nas cidades e se esquecem um pouco dos benefícios do campo.

Padilha discorre que:

Planejar, em sentido amplo, é um processo que "visa a dar respostas a um problema, estabelecendo fins e meios que apontem para sua superação, de modo a atingir objetivos antes previstos, pensando e prevendo necessariamente o futuro", mas considerando as condições do presente, as experiências do passado, os aspectos contextuais e os pressupostos filosófico, cultural, econômico e político de quem planeja e com quem se planeja.¹⁹ (2001 p. 63)

Assim, planejamentos como estes, depois de realizados, ajudam a compreender a vida das pessoas das mais variadas comunidades, bem como suas lutas, conquistas, e a vontade de ver seus filhos crescerem em um local favorável, sem se sentirem "menores" que as pessoas das grandes cidades, com orgulho e principalmente cidadãos que contribuem para o desenvolvimento da sua comunidade, que é possível sim vencer através do estudo, porém retornando ao seu

¹⁹ PADILHA, R. P. **Planejamento dialógico**: como construir o projeto político-pedagógico da escola. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2001.

local de origem e continuando as atividades de suas famílias cultivando as tradições e principalmente sentido muito orgulho de morar e estudar no campo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIESEK, Ana S; **A cultura é um processo eminentemente dinâmico, transmitido de geração em geração, que se aprende com os ancestrais e se cria e recria no cotidiano do presente, na solução dos pequenos e grandes problemas que cada sociedade ou indivíduo enfrentam.** Universidade de Caxias do Sul. 2004. Disponível em: <http://tede.uces.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=90>. Acesso 26 mar. 2014.

BRAUDEL, Fernand. **Civilização material e capitalismo, séculos XV-XVIII: o tempo do mundo.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CREA-SP. Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia do Estado de São Paulo. **Patrimônio histórico: como e por que preservar** Grupo de Trabalho Patrimônio Histórico e Arquitetônico. 3ª edição, 2008. Disponível em: <http://www.creasp.org.br/arquivos/publicacoes/patrimonio_historico.pdf>. Acesso 18 out. 2013.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. **Um Lugar na Escola para a História Local.** Recife: ANPUH (texto mimeografado), 1995.

GOMES, Ângela de Castro. **A guardiã da memória.** Acervo: Revista do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, vol. 9, n. 1/2, jan/dez. 1996, p. 1-15.

HORTA, M. de L. P. **O que é Educação Patrimonial.** Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/boletins2003/ep/pgm1.htm>>. Acesso 20 mar. 2014.

HORTA, M. de L. P. **Os monumentos e centros históricos.** Disponível em: <<http://www.tvbrasil.com.br/salto>>. Acesso 15 out. 2013.

IANNI, Otávio. **A utopia camponesa.** In: Ciências Sociais hoje. São Paulo: Cortez Editora-Anpocs, 1986.

LEITE, S. C. **Escola rural: urbanização e políticas educacionais.** São Paulo: Cortez, 1999.

OLIVEIRA, V. F. **Educação, memória e histórias de vida: usos da história oral.** *História oral*, Recife, v. 8, n. 1, jan./jun. 2005, p. 92-106.

PADILHA, R. P. **Planejamento dialógico: como construir o projeto político-pedagógico da escola.** São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2001.

PAGLIA, Edmilson Cesar et al. **PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM EDUCAÇÃO DO CAMPO.** Curitiba: UFPR Litoral, 2010. 127p.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Palavras para crer. Imaginários de sentido que falam do passado.** Revista Nuevo Mundo, Mundos Nuevos, Debates 2006. Dossiê História Cultural do Brasil. p. 1-9. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/1499>>. Acesso 27 ago. 2013.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 1-15.

RIBEIRO, Guilherme. **Epistemologias Braudelianas: espaço, tempo e sociedade na construção da geo-história.** GEOgraphia, Rio de Janeiro: UFF, vol. 8, n.15, 2006, p.87-114.

SAMUEL, Raphael. **História Local e História Oral.** In: **Revista Brasileira de História.** V. 9, n. 19, set. 1989 / fev. 1990, p. 219-242.

SANTOS, Francieli Lunelli. **A mulher nas fotografias de grupos familiares na cidade de Ponta Grossa, 1910-1940.** Revista de História Regional, Ponta Grossa, vol. 14, n. 1, Verão, 2009, p. 146-167.

SANTOS, Sônia Maria dos. **Histórias de alfabetizadoras brasileiras — entre saberes e práticas.** 2001. 335f. Tese (Doutorado em Educação), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

SANTOS, Sônia Maria dos; ARAÚJO, Osmar R. **História oral: vozes, narrativas e textos.** Universidade Federal de Uberlândia. Contatos: soniam@ufu.br. Universidade Federal de Uberlândia. Disponível em <<http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/282/289>>. Acesso 28 mar. 2014.

SEYFERTH, Giralda. **Imigração e cultura no Brasil.** Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1990. 103 p.

SILVA, Astrogildo F. J.; BORGES Mário N. **POR UMA EDUCAÇÃO DO CAMPO: percursos históricos e possibilidades.** Entrelaçando. Revista Eletrônica de Culturas e Educação Caderno temático: Cultura e Educação do Campo N. 3 p. 45-60, Ano 2 (Nov/2011). ISSN 2179.8443. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:Pb6_6_HtHyEJ:www.ufrb.edu.br/revistaentrelacando/downloads/educacao-no-03-ano-ii/125-por-uma-educacao-do-campo-percursos-historicos-e-possibilidades--astrogildo-f-da-silva-jnior-e-mrio-borg/download+&cd=3&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso 25 mar. 2014.

SILVA, Luis C. B. **A IMPORTANCIA DO ESTUDO DA HISTÓRIA REGIONAL E LOCAL NO ENSINO FUNDAMENTAL.** Disponível em: <http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh_III/luis_carlos.pdf>. Acesso 28 mar. 2014.

Anexos



Gramofone



Palestrante no museu residencial



Demonstração do utensílio utilizado para trabalhos no início da formação da colônia.
(carrinho de mão de madeira)

JORNAL EDUCACIONAL

Passeio Virtual no Museu de Witmarsum



Informações ao aluno**Caro aluno,**

Este jornal tem como objetivo oferecer a você estudante do ensino fundamental uma compreensão que possibilita construir um conhecimento histórico através do estudo de um patrimônio, resgatando a história e os aspectos econômicos vivenciados pelos imigrantes menonitas.

O jornal apresenta um conteúdo sobre o histórico da colônia bem como os objetos e utensílios utilizados pelos imigrantes desde a chegada deles a colônia na década de 1930.

História da imigração alemã em Witmarsum

A colônia de Witmarsum foi formada por imigrantes menonitas vindos da Suíça, Holanda e Alemanha. . Esses imigrantes são chamados de menonitas por serem seguidores de Menon Simons, ex-sacerdote católico que se uniu a um grupo de Anabatistas Holandeses. “Eram chamados Anabatistas por causa da prática do batismo de adultos mediante a profissão de sua fé em Cristo. Enfatizavam o mandamento do amor universal de Deus e o grande mandamento de Cristo. Sob a liderança de Menon essas congregações menonitas cresceram mais nos arredores das cidades maiores, onde a vida religiosa estava menos exposta às opressões” (MULLER, 2009, p. 256).

Em meados do século XVI se deslocaram para a Rússia onde permaneceram por mais de 150 anos. Com a Revolução de Bolchevique de 1917 ocorreram perseguições onde muitos morreram nos campo de concentração. Os que conseguiram fugir dessa perseguição religiosa e social seguiram para o Brasil. O primeiro local onde se fixaram foi o vale do Krauel, na colônia Witmarsum em Santa Catarina. Quando chegaram a este local avistavam só a mata virgem, utilizando a foice e machado para construírem as suas primeiras casas que eram cobertas com palhas de palmeiras. As primeiras culturas desenvolvidas foram a do milho e da mandioca, mas o difícil acesso a terrenos **acidentados** fizeram com que esses imigrantes buscassem novas terras.

Em 1951 os menonitas chegaram ao Paraná, mas precisamente em Palmeira na colônia Witmarsum, onde encontraram muitas dificuldades, pois nesta nova terra tiveram que trocar a tecnologia utilizada nas estepes geladas da Rússia pela enxada, trabalhando de sol a sol, de domingo a domingo. Segundo declarações obtidas no Documentário da Imigração Alemã nos Estados do Paraná e Santa Catarina escrito pelo autor Estêvão Muller (p. 257) foi a fé em Deus e o trabalho mútuo que fez com que prosperassem.

Com a ajuda dos menonitas da América do Norte foi adquirida a fazenda Cancela propriedade do senador Roberto Glasser onde hoje funciona o museu.

Cultivaram primeiramente melancia onde plantavam, colhiam e vendiam a beira da estrada. Os lucros obtidos com essa cultura foram bons, facilitando a compra de utensílios agrícolas. Mais tarde o progresso na agricultura possibilitou a fundação da Cooperativa Mista Agropecuária de Witmarsum Ltda., em 28 de outubro de 1952. Em 1966 teve início a criação das primeiras cabeças de gado leiteiro, economia que move a colônia atualmente.

Atualmente muitas famílias utilizam o turismo rural como atividade extra em seu orçamento. Encontram-se no local, pousadas, cafés coloniais, restaurantes e casa de **intercâmbio**. A colônia conta com dois guias de turismo que proporcionam aos visitantes passeios turísticos pela comunidade. O museu é o espaço mais visitado da colônia, pois o acervo que se neste local proporciona aos visitantes uma viagem ao passado.

Glossário:
Intercâmbio: Relações comerciais ou intelectuais entre nações. Permuta, troca.

Glossário:
Acidentados: Com altos e baixos, irregular (terreno).

Museu de Witmarsum

O museu de Witmarsum casa sede da Fazenda Cancela foi tombado pelo patrimônio histórico em 15 de setembro de 1989 a pedido dos líderes da comunidade. Sua construção é mista de alvenaria e madeira coberta com duas águas. O sótão é habitável obtido pela forte inclinação das águas, sua fachada está sobreposta à varanda da entrada onde se avistam os arredores da comunidade. Suas paredes são de madeira e os beirais ornamentados por lambrequins os quais transmitem sinais evidentes de ter sido construído por imigrantes.

Na parte interna encontram-se equipamentos rurais, médicos, fotográficos, utensílios de uso pessoal, fotografias, móveis e até mesmo obras do artista Johannes Janzen. Esse acervo registra a trajetória dos colonizadores menonitas desde a saída da Europa. Foram doados por descendentes da família Glasser e também por outras famílias alemãs. Nesse local de memória encontra-se

a figura do senhor Heins Eggon Phillipsen encarregado de acompanhar os visitantes.

Para Refletir!

“Os museus são casas que guardam e apresentam sonhos, sentimentos, pensamentos e instituições que ganham corpo através de imagens, cores, sons e formas.

Os museus são pontes, portas e janelas que ligam e desligam mundo, tempos, culturas e pessoas diferentes.

Os museus são conceitos e práticas em metamorfose.”

(IBRAM)

Imagens

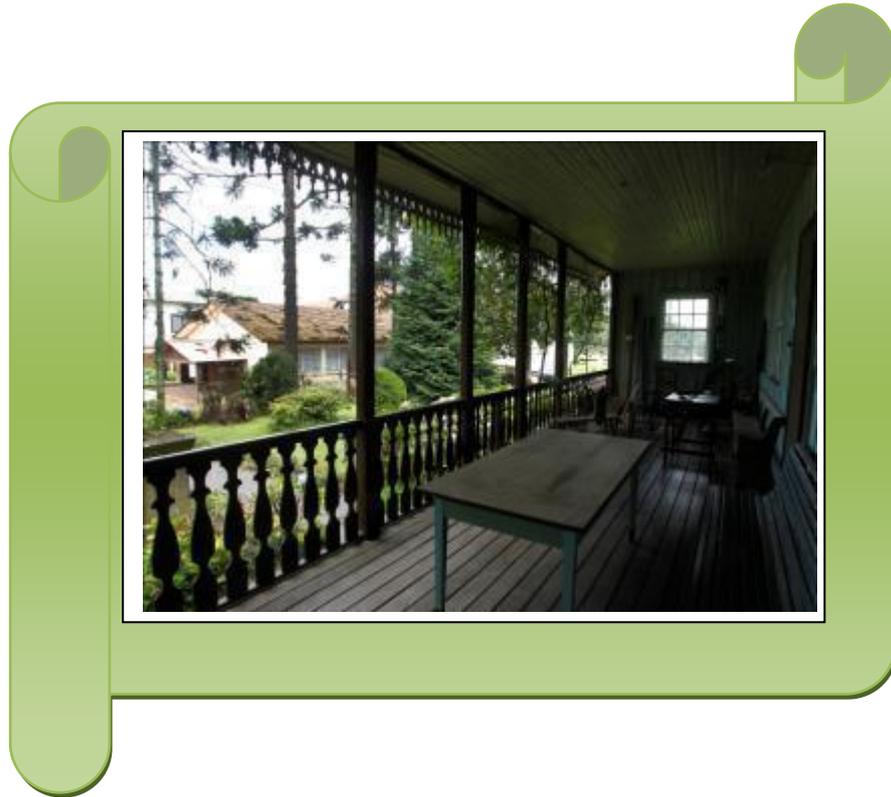


Sala com retratos e documentos.

A **imagem 1** contém documentos, retratos e móveis que retratam a imigração menonita servindo como uma integração cultural.



A **imagem 2** retrata instrumentos ligados a economia utilizados na produção de leite como os antigos latões onde era reservados o leite, bem com a desnatadeira.



Área de trás do museu onde contém os arados. Esta parte vai dar nos fundos do colégio.

Na **imagem 3** aparece o arado a cavalo, gancho para pendurar o gado abatido, carpideira manual e ferramentas manuais utilizadas no cultivo de grãos para subsistência. A finalidade desta imagem é demonstrar como era realizado o trabalho nas lavouras.